

Leituras Críticas

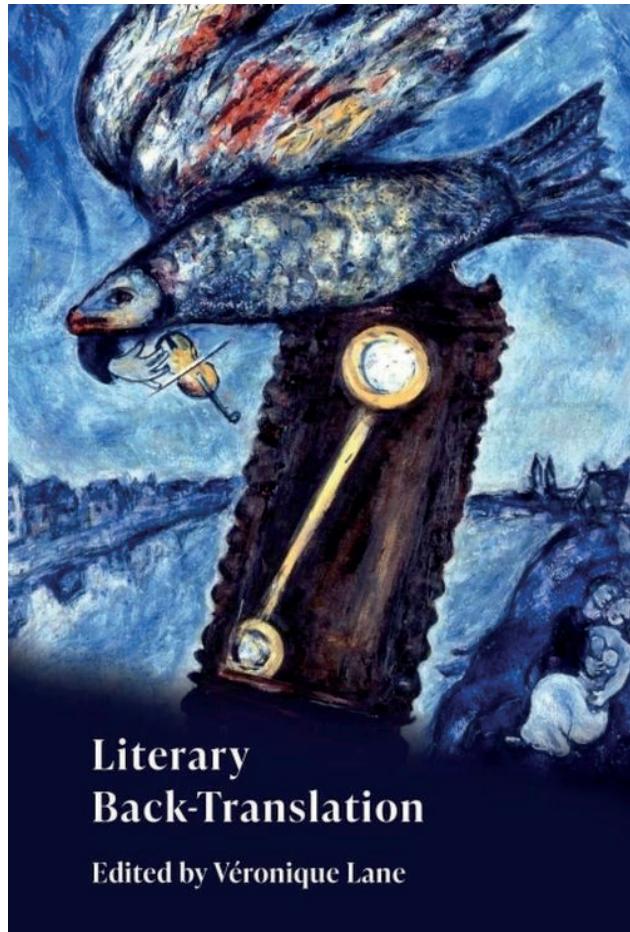
LANE, V. (ED.). (2025). *LITERARY BACK-TRANSLATION*.
EDINBURGH UNIVERSITY PRESS. EDINBURGH. XII + 332 PP.
NUNO ROSA

GERSÃO, T. (2024). *AUTOBIOGRAFIA NÃO ESCRITA DE MARTHA FREUD*. PORTO EDITORA. LISBOA. 414 PP.
MARCIO JEAN FIALHO DE SOUSA

SALOMON, H. P.; ALMEIDA, J. F. P. S. (2024). *OS GRAVAMES DOS CRISTÃOS-NOVOS. UM TEXTO INÉDITO DO PADRE ANTÓNIO VIEIRA*. CÁTEDRA DE ESTUDOS SEFARDITAS ALBERTO BENVENISTE. LISBOA. 622PP.
RICARDO VENTURA

**Lane, V. (ed.). (2025). *Literary Back-Translation*.
Edinburgh University Press. Edinburgh. XII + 332 pp.**

NUNO ROSA¹



Em 2022, o escritor sul-africano e prémio Nobel J. M. Coetzee decidiu lançar mundialmente a novela *El Polaco* em espanhol (através de uma colaboração com a tradutora argentina Mariana Dimópolos), apesar de ter sido escrita primeiramente em inglês. Optou também por fazer desta versão espanhola a fonte para todas as posteriores traduções. Ao fazê-lo, Coetzee inverteu deliberadamente a hierarquia entre original e tradução, expondo a forma como a influência é redistribuída através de línguas e culturas quando traduções se tornam, ao mesmo tempo, origem e destino literário.

Esta tensão informa também *Literary Back-Translation* (2025), editado por Véronique Lane, o primeiro volume coletivo a definir, con-

¹ Doutoramento em Estudos Globais, Universidade Aberta, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0005-3167-7131>.

ceptualizar e instanciar o retorno de um texto literário à sua língua original através de uma tradução.² Logo na introdução, Lane posiciona criticamente este projeto face a algumas das coordenadas dos Estudos de Tradução. Por um lado, desafiando o princípio exposto por Walter Benjamin, de acordo com o qual uma tradução é intraduzível, e a elasticidade da definição de tradução proposta por Gideon Toury, no quadro do paradigma descriptivista. Por outro lado, aceita o desafio do debate ético associado a Lawrence Venuti e, a partir de Antoine Berman, enfatiza a iterabilidade, reversibilidade, diferença e alteridade que a retrotradução literária transporta.

Advém daqui a necessidade de partir de uma definição estrita de retrotradução literária: a relação A→B→A entre só duas línguas através da qual um texto ou parte de um texto, primeiramente traduzido, é, por sua vez, traduzido de volta para a língua da sua composição inicial. Desta forma, é possível destrinçar retrotradução de outros modos de tradução e noções adjacentes e explorar as consequências conceptuais e políticas deste fenómeno. Para tal, o volume divide-se formalmente em quatro partes (Reflexões Teóricas; Retrotradução e

Ideologia; Retrotradução e Arquitetura; e Retrotradução e Leitura), compreendendo uma introdução e dez ensaios.

Na parte I (teoria), Dominik Zechner volta a discutir Benjamin, para ler o poema «chanson» (1966), do poeta austríaco Ernst Jandl, mostrando como a reversibilidade intratextual pode ser estrutural nas línguas. Na sequência das considerações expendidas na introdução, Lane reinterpreta o conceito de *défaillance* (Berman) para expor o potencial de ênfase das retrotraduções e como uma análise textual por camadas, da sequência *The Monk* (Matthew Gregory Lewis, 1796) → *Le moine* (Antonin Artaud, 1931, tradução) → *Artaud's The Monk* (John Phillips 2003, retrotradução), permite a ampliação retrospectiva de tensões suprimidas ou latentes nas fontes e nas traduções.

Na parte II (ideologia), Pauline Henry-Tierney reconstrói o artigo de Simone de Beauvoir sobre Brigitte Bardot, publicado na *Esquire* (1959), e sua reapropriação e domesticação na tradução para inglês e retrotradução para francês (1979), no contexto das políticas de género. Wang Jinbo explora como edições bilíngues de clássicos chineses, como *Jin Ping*

² Na sequência de um número especial, dedicado ao mesmo tema, da revista *Translation and Literature*, 29 (3), de 2020, editado também por Véronique Lane. No espaço de língua portuguesa, coexistem os termos «retroversão» e «retrotradução» para designar *back-translation*. No entanto, o termo «retroversão» (mais comum em Portugal) é ambíguo e tem, até hoje, significado, no contexto escolar e académico, sobretudo tradução de língua nativa para língua estrangeira. O termo «retrotradução» (comum no Brasil) aparece sobretudo em contextos técnicos. Opto, no entanto, por «retrotradução» (literária) porque «retroversão» desqualifica semanticamente a realidade que designa do campo da tradução, sendo um dos méritos da obra que recenseamos habilitar a retrotradução como um dos *modos de tradução* (cf. Van Doorslaer, 2007).

Mei (século XVI) e *Hong lou meng* (século XVIII), funcionam como retrotraduções editoriais, alinhando o texto original com a versão inglesa «canónica». Howard Gaskill revisita *Darkness at Noon* (1940), de Arthur Koestler, que foi traduzido de volta para alemão (em 1948) pelo próprio autor, após a primeira versão (redescoberta já em 2015) ter sido dada como perdida.

Na parte III (arquitetura e *design*), Yeadon, Duranti e Venuti encadeiam um conjunto de imagens e fragmentos textuais, encenando traduções intersemióticas e, de forma experimental, o próprio processo retrotradutivo. Akcan oferece um caso que liga tradução a exílio: o do livro do arquiteto alemão Bruno Taut, publicado em tradução turca em 1938, retrotraduzido em diferentes versões posteriormente para alemão, numa inversão das hierarquias coloniais.

Finalmente, na parte IV (hermenêutica), Byron Byrne-Taylor usa retrotraduções literais de traduções inglesas de dois poemas de Paul Celan para mostrar a reconfiguração da sua ambiguidade e da opacidade e para identificar as fricções associadas à «intraduzibilidade» deste poeta. Jan Mieszkowski propõe uma ontologia tradutória mais extrema, que entende a tradução como uma dinâmica existente em todos os enunciados, sendo, por isso, a própria ideia de retrotradução apenas uma heurística. Alexandra Lukes explora a ideia de «retrotradução crítica» para analisar a questão da tradução homofônica e de retrotraduções não

identificadas em pseudopoemas de Luis d'Antin Van Rooten (*Mots d'heures: Gousses, rames*, de 1967) e como os leitores experienciam cognitiva e somaticamente a retrotradução.

A inauguração de um campo de questionamento terá sempre desafios inerentes. Metodologicamente, a estipulação do limite de duas línguas para a retrotradução literária assegura transparência analítica. Porém, muitos dos contributos deste volume expandem esta categoria: reversões intratextuais, reconstrução editorial, antologias intermediais, auto-retrotradução ou cripto-retrotradução. Considero esta elasticidade frutífera e essencial. Porém, se não for acompanhada de tipologias mais definidas, este movimento arrisca-se a dissolver o seu próprio objeto. Os ensaios sobre arquitetura mostram este ponto de forma clara.

Este impulso de expansão decorre da escassez empírico-textual: são raros os exemplos estritos e paradigmáticos de retrotraduções literárias. Um acervo limitado não desvaloriza os argumentos; pelo contrário, sublinha a necessidade de criação e desenvolvimento do *corpus* e de rigor conceptual, resistindo também à tentação de reificar traduções em «novos originais», o que reinstalaria a lógica dos modelos lineares que o presente volume disputa, ao desvelar as suas dependências circulares e por camadas. A resposta ao apelo de Lane para expansão do *corpus* poderá ser cumprida procurando teorizar globalmente a

retrotradução, suprindo a ausência de casos da América Latina, da África ou da Ásia do Sul.

Destacam-se três contribuições para os Estudos Globais. Em primeiro lugar, um novo diagnóstico dos circuitos culturais e históricos possibilitados pela globalização, seguindo a pista de como ideias, estilos e ideologias são não apenas exportados, mas também reimportados após transformação. Em segundo lugar, a clareza conceptual e os protocolos de análise replicáveis em contexto transdisciplinar. Em terceiro lugar, uma agenda de investigação para o futuro que permita mapear, com outros olhos, os percursos da tradução para além de *ruas de sentido único*.

Em resumo, *Literary Back-Translation* é uma obra oportuna e também geradora. Desafia-nos a reconsiderar a circulação literária como multidirecional e as traduções como pontos de partida. Assim, para os investigadores interessados no poder global, na justiça linguística e nas infraestruturas culturais, *Literary Back-Translation* é um mapa para estudar o mundo complexo e interconectado que as traduções, construtivamente, criam e recriam.

Bibliografia

Van Doorslaer, L. (2007). Risking conceptual maps: Mapping as a keywords-related tool underlying the online Translation Studies Bibliography. *Target. International Journal of Translation Studies*, 19 (2): 217-233.